

O fracasso

Eu não faço conferências, mas tenho um ensinamento.

JL (1975)

Como o ambar, que preserva a mosca para nada saber do seu voo.

JL (1969)

Desleituradas

Vamos começar interrogando "o que quer dizer ler", porque se há algo no qual o discurso psicanalítico mudou tudo o que existia antes dele, isto é a noção de leitura. Como já nascemos dentro do período histórico da psicanálise, não podemos ter ideia do que era ler antes de Freud. Poderia ter dito que a psicanálise mudou mesmo é o conceito de verdade, mas esta é uma via repisada e que só leva a clichês vazios em relação aos quais não consigo esconder minha impaciência. Existem vários autores, mais ou menos conhecidos e mais ou menos perto da psicanálise, que trabalharam a questão da leitura de um modo magnífico, mas hoje quero recuperar para nós um conceito inventado por um crítico americano de literatura, para elaborar uma teoria da poesia. Digo "recuperar" porque ele inventou este conceito por ter entendido, como poucos, a novidade freudiana no tratamento do relato. Falo de Harold Bloom e de seu conceito de *desleitura* (*misreading*).

Ele expropriou para a crítica literária a teoria de Freud sobre as "lembranças encobridoras" e sobre o "romance familiar", e assim jogou uma luz nova sobre os conceitos originais de Freud. Isto é precisamente o que desleitura quer dizer. Consultem seus livros "A angústia de influência" e "Mapa da desleitura". O crítico postula que há leitores fracos e *leitores fortes*. Estes últimos não lêem, "deslêem" (*misread*), porque a leitura, no sentido forte do termo, opera como um "romance familiar" –no sentido de Freud–, ou seja, como a reescrita de um outro texto. Os poetas, porque se trata de uma teoria da

poesia, os poetas deslêem uns aos outros, ao fazerem seus poemas. De outro modo, um poema é um ato de leitura, não um objeto. Um poema "lê" poemas anteriores, de outros poetas ou do mesmo poeta como outro. Não existem textos isolados, apenas relações *entre* textos. E tais relações são já atos críticos. A crítica, ou seja, a leitura, pode não ser necessariamente uma avaliação mas é sempre uma decisão, e o que se decide é o significado. Deste modo, toda poesia seria crítica em verso, bem como toda crítica, poesia em prosa.

Borges transforma o próprio Kafka em um precursor de Borges, o que por tabela prova a tese de "Kafka e seus precursores" —que é uma teoria da usurpação da origem. Um texto literário seria sempre um embate entre o autor e seus precursores, lidos por ele em seu próprio texto, alterando deste modo o ponto de origem.

O fato é que cada escritor cria seus precursores. Seu labor modifica nossa concepção do passado, como haverá de modificar o futuro. Nesta correlação nada interessa a identidade ou a pluralidade dos homens. O primeiro Kafka de Betrachtung é menos precursor do Kafka dos mitos sombrios ou das instituições atroztes que Browning ou Lord Dunsany .¹

Depois de Kafka, diz a tese borgiana, os mais diversos autores anteriores a ele (como Zenão de Elea, 23 séculos antes) podem considerar-se kafkianos, e viram seus precursores. É muito importante que não se perca de vista que Borges não apenas não desaparece nesta operação, como possibilita uma apreciação de Kafka completamente nova, mudando deste modo toda a crítica do escritor tcheco que existia até então.

É frequente um leitor forte virar um revisionista. Como a palavra "revisão" indica, está em jogo ali um redirecionamento levando a uma reestimação ou reavaliação de textos que, com frequência, se propõe a ser corretiva. Haveria ali um ideal de leitura verdadeira e uma pretensão a restaurar uma verdade que já estaria no escrito mesmo e que o leitor considera

¹ Borges J.L. O.C. vol II, p.89. Bs As: Emecé, 1996. *Betrachtung* é de 1912, Browning escreve em 1889 e Lord Dunsany, em 1878.

extraviada, sem perceber que esta verdade textual estaria sendo produzida pela sua leitura que, nesse sentido, seria uma verdadeira escrita. *O leitor forte deslê o outro para fundar a sua própria escritura*².

Espero que se reconheça nesta descrição o modo de Freud ler (criar) seus precursores, assim como também o Freud de Lacan. Mas também desejo acrescentar a esta lista o Lacan de Miller. Este último é um leitor não menos forte que os outros dois, com uma diferença: a obra milleriana comporta como estratégia *apagar o leitor e o autor*, a serviço de uma política de *reescrita da obra do precursor*. Voltaremos a isso, quando falarmos do programa "Lacan Elucidado".

Exemplos de desleitura não faltam. Menciono alguns ao léu, como ilustração apenas. O "complexo de Édipo" é uma desleitura de Sófocles; a energética da pulsão, da física de Helmholtz; a biografia de Leonardo da Vinci é deslida em prol da invenção do conceito de "mãe fálica" e de sublimação; a "pulsão de morte" é uma desleitura freudiana de Empédocles, de Schopenhauer e de Weissmann. Já o conceito de *Tyche* e *athomaton* é uma desleitura lacaniana da "pulsão de morte" freudiana e da física de Aristóteles, para embasar uma teoria nova do significante. O *après-coup*, que seria o fundamento desta última, deslê a *Nachträglichkeit* freudiana, que nem chega a ser um conceito, para fazê-la caber numa teoria da linguagem alheia a Freud. O mesmo se aplica à leitura do signo de Saussure, que privilegia o significante sobre o significado e à leitura da condensação freudiana e do complexo de Édipo a partir da metáfora. O conceito de gozo é uma radical desleitura da pulsão freudiana, para retirar a psicanálise do biologicismo reinante (sobre essa falaremos longamente semana próxima). Por outro lado, o *cogito* cartesiano é deslido mediante o *Wo es war, soll ich werden* freudiano, para elaborar uma teoria do ato. E Kant é posto de ponta-cabeça, alavancado por Sade, para tematizar a lógica da fantasia. E não

² No sentido de Barthes.

menciono casos da desleitura milleriana de Lacan porque vou trabalhar alguns com cuidado na próxima aula.

O retorno a Freud

O nome genérico da desleitura lacaniana é o assim chamado "retorno a Freud", que consiste, pasmem, no projeto geral de virar Freud pelo avesso, como uma luva...

*"A psicanálise pelo avesso", acreditei que deveria intitular este seminário. Não creiam que este título deva nada à atualidade, que se crê na situação de pôr bastantes coisas de pernas pro ar [se refere ao Maio francês e à contracultura]. Darei só uma prova disso. Num texto datado de 1966, concretamente, uma das introduções que fiz no momento de concretar a coletânea dos meus Escritos e que o escandem, um artigo chamado "De nossos antecedentes", observo, na p. 68, que meu discurso se define por **pegar o projeto freudiano pelo avesso.***

1969³

...e de dar uma nova volta (*re-tour*) sobre seus conceitos, para fazer com que apareçam as molas da sua estrutura (é a aplicação da topologia à leitura crítica: o corte revela a propriedade de uma superfície, no momento em que esta desaparece, depois da segunda volta). *Não* é, de modo algum, uma volta aos fundamentos ou um regresso às origens deturpadas ou esquecidas de um freudismo mais puro, mas um profundo questionamento. Lacan relê os conceitos freudianos invertendo a ordem das razões.

Não seguimos a Freud, o acompanhamos.

1955⁴

E...

³ *O avesso da psicanálise.*

⁴ *O eu na teoria da psicanálise*

[tampouco] vamos contra Freud, nos servimos dele.

1975⁵

Onde "servir-se" significa apoiar-se nele *para escrever algo novo.*

Tento dar aos termos freudianos a sua função

Leia-se: em Freud mesmo esta função não pode reconhecer-se.

*Tento dar aos termos freudianos a sua função, na medida em que se trata nada menos que de uma **inversão dos princípios mesmos do questionamento.***

É isso que chamei inverter a ordem das razões. Ler, por exemplo, a segunda tópica à luz da primeira. Esta última fornece as razões para entender a que cronologicamente lhe segue, que nesse sentido não apenas não seria nenhum progresso teórico como poderia ser uma regressão. De modo geral, se faz necessário dirigir a Freud as perguntas opostas que tudo mundo lhe faz.

Dito de outro modo –o que não quer dizer que se diga o mesmo–, está comprometida neste esforço a exigência mesma que condiciona a passagem a este questionamento renovado. Esta exigência mínima é a seguinte: trata-se de fazer psicanalistas.

A razão de ser deste questionamento crítico não é meramente universitária, já que se trata de formar psicanalistas. Segue Lacan:

*Aquele questionamento não poderia formular-se sem uma **recolocação do sujeito em sua posição autêntica: essa que faz depender, desde a origem, o sujeito do significante.***

1968⁶

Sem subverter a concepção que temos do que um sujeito é –o que implica, nem mais nem menos, em romper com a ontologia que sustenta nosso pensamento comum, e que nos vem desde Aristóteles, via Kant–, não podemos refazer este questionamento de Freud⁷.

⁵ RSI

⁶ *De um Outro ao outro.*

⁷ cf. "Subversão do sujeito": "Da nossa posição de sujeito somos sempre responsáveis".

O fim do meu ensino, pois bem, seria fazer psicanalistas à altura dessa função que se chama sujeito.⁸

Ele não ensina uma teoria, mas um método de fazer analistas. E não feitos de qualquer modo, já que se trata de analistas que façam jús ao significante. Essa função que se chama "sujeito" é precisamente o que se obtêm depois de uma reviravolta das relações de cada analista com o *saber*. Para tanto, precisamos de uma teoria da linguagem totalmente nova. A metamorfose pessoal, que qualquer análise bem levada produz, não basta: espera-se uma modificação na concepção do que saber e sentido são, para que a teoria não seja letra morta. Esta seria a reforma do entendimento necessária (e prévia) à formação de um psicanalista propriamente dito. Acontece que os interessados lutam contra...

Eu me esforcei em demonstrar como se especifica o inconsciente freudiano. Aos poucos, os universitários tinham conseguido digerir o que Freud, por outra parte, com muita habilidade, tinha se esforçado em tornar-lhes comestível, digerível. Freud mesmo se prestou a isso ao querer convencer.

Era a política freudiana: que a sua disciplina fosse reconhecida pela ciência e pela sociedade bem pensante de Viena, primeiro e pelo mundo, depois. Freud se queria digestivo, Lacan, indigesto. O mais louco, veremos, é que duas políticas opostas tiveram o mesmo desfecho, porque Lacan terminou tão digerido (e cagado) quanto Freud o foi. Mas, continuemos:

O sentido do retorno a Freud é mostrar o que há de decisivo no que Freud descobriu, e que fazia entrar no jogo de um modo completamente inesperado, já que era a primeira vez que se via surgir algo que não tinha estritamente nada a ver com o que alguém tivesse dito antes. O inconsciente de Freud é a incidência de algo completamente novo.

1974⁹

Dá vergonha ter que dizê-lo, mas se for algo "completamente novo", não pode ser o mesmo de sempre e não deveria ser tratado como tal. Parece óbvio,

⁸ 1967

⁹ Lacan J. *O triunfo da religião*. 1974

mas pretendo demonstrar como, o nosso desentendimento com Lacan começa quando forçamos o que ele diz para caber nos nossos preconceitos teóricos. E fazemos isso ao ponto de eliminar tudo que, no texto dele, não encaixa no que já entendíamos ou esperávamos que disesse. Terminamos entendendo *o contrário* do que ele nos propõe, porque fizemos entrar, sem saber, a maioria das vezes, os conceitos que ele subverte nas categorias usuais. Mas isso já acontecia entre seu discípulos diretos, e foi o que o levou a diagnosticar uma resistência deles à sua própria formação. Aqui se trata da palavra "inconsciente": enganadora na medida em que carrega consigo toda a concepção ontológica da qual Lacan tenta livrar a psicanálise. Se formos mantê-la, precisamos implodir seu sentido comum.¹⁰ É espantoso que ninguém tenha comentado jamais o modo como atormenta ao longo de 20 anos este conceito.

*Meu desígnio é **nunca repetir a mesma coisa, não dizer o que já é senso comum.***

1967¹¹

Aqui há duas advertências, uma, como acabei de dizer, para suspender o que acreditamos entender, quando nos fala de coisas como "sujeito", "real", "corpo" ou "gozo" (para citar as pior entendidas). A outra, para lembrarmos que, quando ficamos convictos de termos encontrado a definição canônica de tal conceito de Lacan, seria bom ter em mente que, a próxima volta daquele conceito no discurso dele talvez queira dizer algo completamente diferente.

Exemplos? Em 1964, o *Vorstellungsrepräsentanz* de Freud era o S2; em 1968, o S1. Em 1958, a enunciação é o andar de cima do grafo; em 1969, o andar de baixo. A demanda era imaginária e consciente, em 1955; em 1960 era simbólica e inconsciente. Durante 16 anos o Outro, com "o" maiúsculo, designava o simbólico e, com "o" minúsculo, o imaginário, no seminário de

¹⁰ Cf. *Os quatro conceitos*: "o estatuto do ics é ético e não ôntico" e " a analista faz parte do conceito de inconsciente."

¹¹ Lacan J. *Meu ensino*, Rio: Zahar, 2005, p. 14.

1968, isso se inverte. Isto, sem contar as mil e uma reformulações de conceitos como "real" ou "sujeito". Assim que percebia ter virado unanimidade, ter caído no consenso, no lugar comum –mesmo e sobretudo no lugar comum lacaniano–, mudava. E tratava de induzir nos discípulos, pacientes e leitores a mesma disposição. Não conseguiu. E sabia não ter conseguido, como veremos.

Há, contudo, algo mais aqui, o próprio "inconsciente freudiano", bem entendido, seria algo que se produz como uma novidade permanente. Os discursos dos nossos analisantes deveriam ser tratados como completamente originais. Cairmos na mesmice já seria estarmos às voltas com a inércia da repetição e com um inconsciente fechado. Houve uma época, na década de 80, em que foi teorizado isto como a existência de dois inconscientes: um lúdico, inconsequente e frívolo, exemplificado pelos sonhos, os chistes e os atos falhos e outro sério, grave e pesado, que seria o inconsciente do sintoma, perfeitamente inercial e morto. Este último foi o núcleo do que depois foi teorizado como "gozo". Conceito que, do modo como está hoje, já não tem *nada* de lacaniano. Na próxima aula vou fundamentar esta afirmação extrema.

Du Moreira, que é músico, me fez observar que esta lógica não se limita à psicanálise. Em música temos a mesma oposição. Mais especificamente, em jazz, ao menos seria a opinião de Pat Metheny na década de 90, criticando os músicos fascinados em reproduzir *ad infinitum* o estilo retrô dos anos 60 ou 70:

Devo dizer que a qualidade de ser diferente vale muito mais para mim do que para muitos outros. Quando escuto alguém que soa como outra pessoa, meio que desligo. Para mim a individualidade ou ao menos, a tentativa de vir com algo original e que não esteja referenciado a isto ou aquilo, é muito importante. É a essência mesma do que a linguagem do jazz implica e a responsabilidade do artista.

E era também a opinião de Wim Wenders, quando veio falar em São Paulo¹², de que os cineastas que se orgulhavam de poder fazer um filme

¹² Masp, 10/10/10.

"padrão Hollywood", não tinham para ele nenhum interesse. Ele só se voltava para um diretor que fazia algo original, mesmo que fosse bem simples.

O estilo de Lacan é o psicanalista

Num dos volumes do seu curso de antifilosofia¹³, Alain Badiou nota algo sobre os antifilósofos (Lacan seria o último deles, não o único), que me chamou poderosamente a atenção, por coincidir com uma característica minha. *Eu penso contra*. Penso "contra", no mesmo sentido em que se diz de alguém que *se apoia contra uma parede*. E parece que um antifilósofo também é um pensador adversário. Cada um deles se opunha a algo ou a alguém específico. Pascal argumentava contra os libertinos. Rousseau se dirige aos malvados Iluministas – aos homens sem coração, como Voltaire ou Hume. Já Nietzsche falava para homens livres, aqueles que não tem uma moral de escravos. Kierkegaard, do seu lado, pensa para, por e contra a mulher. E o homem a quem Lacan se dirige é o psicanalista. Lacan fala e pensa "contra" o psicanalista.

O espantoso é, observa Badiou, que nenhum adversário da psicanálise teria a coragem de dizer metade do que Lacan profere contra os analistas. E o diz em todos os tons do diapasão. Que são homens perdidos, aos quais ele deve reconduzir para o caminho certo, como um pastor. Que não são confiáveis. Que viram as costas ao seu próprio ato, do qual tem horror. Que ignoram ou desprezam aquilo de que depende a sua própria formação (se refere à matemática e à lógica). Que não entenderam nada do que ele vem lhes dizendo há 20 anos. Que fala para as paredes. Que está completamente só, clamando no deserto. E, *last but not least*, que está ali para... *envergonhá-los!*

Sobre esta vergonha falaremos no próximo sábado, porque diz respeito à ontologia: é vergonhoso que os psicanalistas formados por ele continuem

¹³ *L'antiphilosophie*. Paris: Fayard, 2013.

sustentando a ontologia de sempre. É o que lhe faz dizer que os analistas continuam a dormir. A ontologia seria o sonho do qual não conseguiu fazê-los acordar. Preferem a pílula azul à vermelha¹⁴.

Isso tudo para dizer que se "o estilo é o homem a quem nos dirigimos [*a qui l'on s'adresse*]"¹⁵, não resta dúvida que, no caso de Lacan, é o psicanalista. Sempre.

Acrescento que esses analistas que o são apenas por serem objeto -objeto do analisante-, acontece de eu me dirigir a eles [il arrive que je m'adresse à eux], não que eu lhes fale, mas que falo deles¹⁶: não fosse mais que para perturbá-los.¹⁷

*eu falava para pessoas a quem aquilo interessava diretamente, pessoas precisas que se chamam psicanalistas. Aquilo dizia respeito à experiência mais direta deles, mais cotidiana, mais urgente. Era expressamente feito para eles, **nunca fora feito para ninguém mais**"¹⁸*

A exasperação frente ao desejo de continuar adormecido está provavelmente detrás das invectivas menos contra os analistas que contra o analista. Já esta declaração, proferida no final da vida, transparece apenas decepção:

*Não espero nada das pessoas e alguma coisa do funcionamento. Portanto é mister inovar porque esta Escola, eu a errei ao ter **fracassado em produzir a partir dela analistas que estivessem à altura**.¹⁹*

O funcionamento, diferente de Freud, não é o dispositivo mas o matema, falaremos disso a seguir. Já o que diz do seu próprio fracasso não tem a menor ambigüidade: a *Escola Freudiana de Paris* fracassou em fazer psicanalistas dignos do nome. Não é pouco.

¹⁴ Cf. *The Matrix*. Outra vergonha é a falta de coragem (ie. o ato)

¹⁵ Lacan J. *Escritos*. "Abertura desta coletânea"

¹⁶ O discurso do analista, genitivo objetivo.

¹⁷ *Television*, Paris: Seuil, 1974. p. 10

¹⁸ Lacan J. *Meu ensino*, op. cit. p. 64.

¹⁹ 15 de janeiro de 1980

a resistência do analista

O fracasso e a resistência estão intimamente ligados. Ligados a ponto de poderem ser inscritos na superfície única de uma contrabanda. Começamos falando de *Fracasso* e terminamos falando de *resistência*, sem mudar de assunto.

O primeiríssimo Lacan (1951) diz²⁰ que "a verdade [que Freud assumiu a responsabilidade de nos fazer ouvir] inspira um temor crescente nos praticantes que perpetuam sua técnica."

*Assim é que os vemos [...] refugiar-se sob as asas de um psicologismo que, coisificando o ser humano, chegaria a malefícios perante os quais os do cientificismo físico já não passariam de ninharias.*²¹

Existem dois obstáculos com os quais vem chocar-se a psicanálise, ambos reconhecidos por Freud: um, inerente aos tratamentos mesmos e outro, relativo à aceitação da "nova ciência" pela sociedade. Este último, pensava Freud, devia-se ao sopapo que a descoberta do inconsciente teria impingido na face da humanidade. Diagnóstico com o qual Lacan não concorda, como veremos. O outro, cujo nome genérico é "resistência", foi tematizado por primeira vez no "caso Dora", mediante o conceito de *transferência*. Lacan propõe definir a transferência negativa no paciente "como sendo uma operação do analista que a interpreta."²² E conclui afirmando que a "transferência tem sempre o mesmo sentido, de indicar os momentos de errância e também de orientação do analista²³, o mesmo valor de nos convocar à ordem de nosso

²⁰ *Escritos* p. 216.

²¹ *idem* *ibid.*

²² *ibid.* p. 217.

²³ Nove anos mais tarde chamará isto de *acting-out* (cf. seminário X)

papel: um não-agir positivo, com vistas à ortodramatização da subjetividade do paciente."²⁴ Relembro aos leitores de Lacan estas velharias porque é daqui que se origina a noção de que não há outra resistência em psicanálise, a não ser a do analista.

Esta fórmula, como quase todas, virou um clichê repetido até a náusea, cujo sentido inicial se perdeu, num tão vago quanto persistente sentimento de culpabilidade, que toma os analistas lacanianos da certeza de que eles são responsáveis por tudo de ruim que acontece durante os tratamentos –por incompetência, evidentemente. Estes impasses da prática clínica estão ligados ao "temor crescente nos praticantes" frente à verdade que seu ato desencadeia. Leia-se: "não querem saber nada disso". Depois dirá que o analista tem horror do seu ato²⁵.

Quanto ao outro obstáculo, dizia que Lacan põe em dúvida a ideia de Freud de que as resistências à psicanálise procedem do fato de que ela atentaria contra o narcisismo das pessoas. O que não passa, seria "a subversão [que a psicanálise produz] na estrutura do saber."²⁶ Por isso chama o inconsciente de "saber insabido" (*savoir insu*), um saber que não se sabe a si próprio –e do qual todos preferem se desincumbir. A qualidade acéfala deste saber (não seria o saber de alguém, já que é o saber sempre do Outro) lhe parece semelhante à das matemáticas. E por isso alinha a resistência dos analistas contra seu ensino com a resistência de todo mundo a aprender matemática. O essencial de ambas disciplinas estaria do lado da escrita formal e lógica, que encadeia letras com rigor, mas que são refractárias a toda forma de intuição. Há um modo de funcionar do significante do qual não queremos inteirar-nos e que se revela nas nossas dificuldades a aprender ciências exatas,

²⁴ *ibid.* p. 225. "a ortodramatização da subjetividade do paciente"... em português: a posta em ato correta da subjetividade do paciente.

²⁵ 1975.

²⁶ Lacan J. 1972. *Je parle aux murs*.

e também nos impede o acesso ao discurso psicanalítico –*lacanian style*: ao pé da letra e sem concessões para o saber-sabido. Em suma, *Freud teria dado ensejo a uma revolução na epistemologia, mas todos lhe viraram as costas*. Não me parece à toa que diga isto na mesma conferência em que declara estar falando para as paredes.

Preparando esta aula me lembrei de algo que li em 1973 e do qual guardei apenas uma pequena frase –porque do resto não entendi nada. Retirei essa frase de um livro que é hoje uma raridade, a tese de doutorado em psicologia de Anika Rifflet-Lemaire, de 1969. O interesse do livro não se deve ao conteúdo, foram escritas coisas muito melhores que esta, mas ao fato de ser a primeira tese universitária dedicada à obra de Lacan, e de este ter-lhe escrito um prólogo. A frase que lembrei está no mencionado prólogo –um pretexto, aliás, para discorrer sobre o fracasso da psicanálise frente à religião, a universidade e a psicologia. Está no prólogo, digo, mas fora dele, porque se trata da *epígrafe*, que Lacan inventou e colocou ali para indicar como queria que fosse entendido o que segue. Esta epígrafe, como que por coincidência, foi *excluída* da versão oficial estabelecida, republicada pela *Seuil*, na França e pela Zahar, no Brasil, sob o nome *Outros Escritos*. Diz o seguinte:

Como o ambar, que preserva a mosca para nada saber do seu voo

Se fosse um haiku o escreveríamos assim:

*o ambar
preserva a mosca
para nada saber do seu voo*

Um rápido comentário. Depois iremos mais devagar.

Antes de mais nada, sabem o que é o ambar? É uma resina vegetal fossilizada, acinzentada ou amarelada. Assistiram *Jurassic Park*? Trata da clonagem de um dinossauro, a partir do sangue absorvido por um pernilongo

jurássico que o picou, conservado intato no interior de uma substância transparente e dura como pedra. Isso é o ambar. Já mosca é mosca.

Como uma pedra não sabe nem pode querer saber coisa alguma, devemos concluir que se trata de uma metáfora. O que, por sinal, fica confirmado pelo "como" que Lacan pós na frente: "como o ambar". O ambar, que prende e fixa o inseto, impossibilitado de se mexer, substitui ao discurso universitário e, veremos mais tarde, aos próprios psicanalistas. A mosca, ao trabalho vivo e cambiante do psicanalista, transformado em *obra* acabada pela tese universitária. Cristalizada, a mosca estará sempre ali, porém inerte, como num museu. Deixa de escapolar, de desenhar arabescos no ar e já não incomoda ninguém como Raul Seixas queria e, ao parecer, Lacan também.

Então, se o inconsciente, e o discurso de Lacan, podem ser conotados por aquela mosca que pousa apenas um instante e é difícil de pegar, isso se deve a que estruturalmente resiste a ser captado pelo eu. *Todos* temos com o inconsciente freudiano uma relação de "não quero saber nada d'isso (que pensa em mim sem mim)". O que me leva ao último comentário sobre a metáfora do ambar, que nada quer saber do voo da mosca. O que está denotado ali é que a postura escolar, docente e dicente, frente ao inconsciente é a de "não querer nem saber". Ora, e os psicanalistas, será que eles querem saber? Esperar-se-ia que sim. Porém, Lacan afirma que não. Eles tampouco querem saber...

Vejamos o que diz aos romanos na conferência de 1967, "A psicanálise, razão de um fracasso":

*"Função é campo da palavra e da linguagem", tais foram os termos: função da palavra, campo da linguagem. Tratava-se de **interrogar a prática e renovar o estatuto do inconsciente.***

*Como este sucesso [do livro Escritos] me vale a atenção da assembleia presente, isso torna paradoxal **que me apresente frente a ela a título de fracasso.***

*Digamos que me consagrei à **reforma do entendimento**, que impõe uma tarefa em relação à qual o ato é comprometer outros nela.*

Engajar os discípulos na reforma do entendimento –veremos a que se refere essa expressão– seria um ato.

*Por pouco que esmoreça o ato, é o **analista** quem **vira o verdadeiro psicanalisado**, conforme se dará conta disso tão seguramente quanto mais perto se encontrar de estar à altura da sua tarefa.*

Vamos analisar com cuidado esta última frase, a primeira vista, bastante obscura. Primeiro, a "*reforma do entendimento*" a que Lacan diz ter se consagrado é seu ensino, aquele que visava "interrogar a prática e renovar o estatuto do inconsciente". Lembrem que, nesta época, Lacan tinha a sua própria Escola e acabara de propor uma nova modalidade de seleção dos psicanalistas, denominada "o passe", muito resistida pelos membros. Mas, por que chama assim a seu ensino?

O "*Tratado da reforma do entendimento e da melhor via a seguir para chegar ao verdadeiro conhecimento das coisas*", é o comprido título do livro que escreveu Spinoza em 1661. Era uma introdução ao método, ou melhor, uma "propedeutica", ou seja, o conjunto de conhecimentos necessários para preparar o estudo de uma matéria, ciência ou disciplina²⁷. Mas, para poder fazer isso, para encontrar o caminho das pedras na teoria, é necessário antes aprender a pensar direito. Trata-se de *aprender a aprender*. A reforma do entendimento é um ato de ensinamento, porque o método só se aprende no exercício mesmo, junto com o autor. Este seria o bom sentido de "exemplo", de

²⁷ A propedeutica psicanalítica de Lacan é muito diversa da de Freud. Para este era a arqueologia, a história dos mitos e das religiões, a filosofia necessárias para a formação de um psicanalista. Para Lacan, a lógica, a topologia, a lingüística e a antifilosofia (cf. *Peut-être a Vincennes*, 1974).

"façam como eu" ou de "siga o líder". A proposta seria verificar nos analistas a subversão do sujeito, assim na teoria como na clínica.

Entretanto, surpreendentemente, Lacan diz que quando isto falha, quando a transmissão fracassa, ficamos às voltas não com um psicanalista mas com um *psicanalisado*. Ou seja, não basta com ter feito análise para ser um psicanalista. Ainda que a psicanálise passe de fato através da experiência de uma análise, isso não garante que passe de direito. *De uma análise não resulta um analista mas um psicanalisado*. E ainda que um psicanalisado possa dar conta do ato analítico, ele não é ainda um psicanalista –digo isso no mesmo sentido em que Obi Wan Canobi diria: "*you did well, but you're not a Jedi yet*" – "você cumpriu com a missão, mas ainda não é um Jedi". Para chegar a jedi (Lacan não os chama "jedis" mas "analistas da Escola"), precisa ter passado por aquela reforma do seu espírito. Reforma que o mestre é obrigado a aceitar que não aconteceu.

Resta perguntar-se, com ele, o que seria mesmo um psicanalista. *Est-ce que il'y a du psychanalyste?*, pergunta, com aquele famoso partitivo francês, impossível de traduzir. Pergunta se há analista, no mesmo sentido em que se inquirir se ainda há vinho na garrafa ou pão na mesa. Está claro que não está garantido que haja analista pelo simples fato de pessoas terem se analisado e exercitarem o método psicanalítico. O exercício clínico está longe de garantir que haja "aquela coisa" que se denomina "analista". E disso *não* se deduz que se esteja afirmando que os praticantes sejam ruins, ou que lhes falte análise ou supervisão, ou qualquer coisa do gênero. Apenas quer dizer que conseguem realizar um ato do qual não fazem a menor ideia de como opera. Conduzem a experiência analítica perfeitamente, os pacientes se curam, falam em congressos, participam de instituições, mas não sabem aonde radica a eficácia da sua ação. Nesse sentido, não haveria psicanalista "à altura da sua função", já que esta função se produz e se transmite através de uma *teoria consistente*, não

pela prática intuitiva. A transmissão pela mera prática foi o ponto aonde Freud teria deixado os psicanalistas o falecer. Lacan queria ir além.

Em suma, estou reformulando, mediante o conceito de *resistência do analista*, as duas resistências que Freud definira: contra a descoberta do inconsciente em geral, da sociedade e contra a descoberta do inconsciente em particular, de cada qual durante as sessões. A segunda seria a resistência transferencial, motivo das supervisões: a outra face do "não quero saber nada disso". A dupla conceitual "transferência / contratransferência" não fala de outra coisa, mas não é uma teoria que permita resolver os impasses clínicos. A reformulação lacaniana, entretanto, não é recebida facilmente. "Os analistas resistem àquilo de que depende a sua própria formação", diz Lacan em 1969, e se refere à lógica e à matemática, não ao "complexo de Édipo".

A outra resistência, a da sociedade contra a psicanálise em geral, decorre da anterior: poucos suportam a completa subversão da noção de conhecimento, ao ponto de aceitar de bom grado a existência de um saber que determina seus destinos à sua revelia. Não sabem disso, mas poderiam saber. O nome da revista da *Escola Freudiana de Paris*, era, precisamente, *Scilicet*, em latim, "isto é" (sim, como a concorrente da *Veja*) em francês: *c'est-à dire*. Não era uma constatação de aonde a Escola tinha chegado, mas um voto de aonde poderia ir: a saber alguma coisa sobre o ato analítico. Na época, Lacan ainda tinha esperanças na transmissão...

O texto de Roma continua assim:

*Sigo então a regra do jogo, como Freud fez, e não tenho como me surpreender pelo fracasso dos meus esforços em pôr um fim à detenção do pensamento psicanalítico.*²⁸

²⁸ "A psicanálise, Razão de um fracasso", op. cit.

A regra do jogo a que ele se refere foi apostar todas as fichas ao dispositivo. Os analistas freudianos são como maquinistas de um trem: podem conduzir a locomotiva, mas não fazem a menor ideia de como ela está feita. Observem que Lacan pensa que o pensamento psicanalítico está parado, como a locomotiva na estação... em 1967! A reforma do entendimento, destinada a pô-lo em movimento, fracassou.

O *inconsciente*, além de ser um fato inédito na história, se caracteriza por ser uma novidade permanente para cada um –a formação do inconsciente é sempre inesperada. Lacan pretendia reproduzir o efeito surpresa em seu próprio discurso no seminário. Mas aquela mímica do inconsciente resulta intragável para os analistas que o seguem. Sua tendência é deter o movimento, bater com o mata-moscas e fixar a mosca lacaniana num ponto qualquer do seu ensino. Com Lacan parado, fazem sistema, obra e declaram: "este é Lacan!" Já o próprio diz que persevera (da um seminário denominado "mais, ainda"), mas os lacanianos param de segui-lo.

*[...]E toda tentativa de pôr [no pensamento psicanalítico] alguma coerência, e principalmente por mim de levar ali a mesma pergunta com a qual interrogo o ato mesmo, determina em alguns, que eu acreditei decididos a seguir-me, uma resistência bastante esquisita.*²⁹

Os discípulos mais próximos não querem saber do que Lacan lhes traz. Insistem em pensar com as velhas categorias de sempre. Penso que o famoso "não ceder do desejo" –do "desejo de analista"–, seria simplesmente não deixar a peteca cair. Acompanhar a novidade permanente, tanto *no discurso de Lacan* como *no discurso do analisante*. O *tédio*, aliás, é o que acontece quando o inconsciente se fecha e não é mais reaberto pelo analista. O *tédio* é a subjetivação do desconhecimento (*méconnaissance*) do eu, resulta da paixão de ignorância e do "não quero saber nada disso". Nesse momento, ninguém

²⁹ "A psicanálise, Razão de um fracasso", op. cit.

aprende nada, nem da teoria nem do próprio inconsciente. Estamos no reme-reme. É quando o analista dorme na poltrona. Estagnação das análises, e da doutrina também.

A questão é, o que provoca esta resistência que faz fracassar a reforma do entendimento? Os *preconceitos* teóricos e subjetivos de cada um. A ética do desejo, tematizada em 1960, seria o convite a continuar a insistir na interrogação dos próprios *impasses*, tanto na teoria como na clínica. *Aprender a aprender do próprio "não quero nem saber"*, como Lacan mesmo fazia. Porque ele não era uma exceção, sofria da mesma paixão de ignorância de todo o mundo. A diferença é que pretende avançar por ali mesmo:

Me dei conta que meu jeito de avançar era da ordem de um "não quero saber nada disso".

Aqui há um "não quero saber nada disso" pessoal, que diz respeito ao saber inconsciente que me concerne e do qual eu me afasto defensivamente, na medida em que me agarro ao sentido da minha representação, do meu eu. Há também, como disse, um "não quer saber nada disso" relativo à teoria necessária para abordar o ato, que me daria acesso ao primeiro. Ambos são solidários porque tem a mesma estrutura. Lacan não faz diferença entre um e outro, por isso seu discurso é tão difícil de seguir. Resistimos a ele com a mesma resistência que opomos a reconhecer os significantes mestres da nossa vida.

*Há também entre vocês, na grande massa dos que estão aqui, um "não quero saber nada disso". Mas, a questão é: será o mesmo? Vosso "não quero saber" **de certo saber que vos é transmitido em retalhos**, será igual ao meu? Não acredito. É precisamente por suporem que parto de um outro lugar naquele "não quero saber nada disso", que vocês se encontram ligados a mim.*

O "saber que vos é transmitido em retalhos" é o do seminário. Cada um dos ouvintes receberá aquilo, ou não, de acordo ao seu próprio tempo para compreender, depois de vencer as incertezas e as resistências contra ele devidas ao eu³⁰. Se conseguir.

De modo que, se for o caso de que eu só posso estar aqui, em relação a vocês, na posição de analisante do meu "não quero saber nada disso", daqui a que vocês alcancem o mesmo lugar, haverá muito chão a percorrer.³¹

Ele ensina em posição de "analisante do [seu] não quero saber nada disso". Os discípulos aprendem, quando aprendem, de modo indireto. Aprendem do que ele se ensina a si próprio, seguindo com absoluta fidelidade os encadeamentos lógicos do que está tentando elaborar. E a resistência que o discurso de Lacan provoca seria da mesma cepa que o inconsciente mesmo, já que em relação a ambos se desencadeia nossa "paixão da ignorância".

Por isso dissolvo. [diz o ultimíssimo, "dissolvo a Escola por ter fracassado em fazer analistas à altura da sua função"] E não reclamo dos ditos "membros da Escola" -antes pelo contrário, lhes sou grato, por ter sido por eles ensinado, onde eu, da minha parte fracassei, quer dizer, me atrapalhei.³²

Vocês vêem, Lacan aprendeu dos discípulos. Foram estes que não aprenderam nada dele. Isto último pode nos servir como introdução a "Lacan Elucidado". Quando tento explicar algo e um aluno não entende, assumo que, na dificuldade em me fazer entender, estão as minhas próprias questões. É isso que eu aprendo dele. Comentei aquilo em outro lugar, quando fiz notar a diferença entre o brasileiríssimo "entendeu?", e o "¿me explico?", argentino. No

³⁰ Dica: o modelo teórico para entender a resistência é o artigo sobre o tempo lógico. Algum dia vou fazer uma apresentação disso.

³¹ 1973, *Mais, ainda*.

³² 1980, *Dissolução*. Ibid.

primeiro, o ônus da burrice está no interlocutor; no segundo, no próprio locutor. Éticas diferentes da comunicação.

Mas há algo mais. Entre as mil e uma figuras através das quais Lacan interroga o analista, uma delas é Aristóteles...

*Aristóteles extraiu alguma coisa [dos sofistas], que aliás permaneceu completamente sem efeito sobre aqueles a quem se dirigia. Assim para ele como para mim. **Com os psicanalistas já bem instalados, o que conto não fede nem cheira.***³³

Aqui temos algo interessante. Assim como o ensino filosófico de Platão era oral, o de Aristóteles era escrito. O problema é que os *Diálogos*, do primeiro, se conservaram e os livros do segundo se perderam, quase todos. O que nos chegou, via Andrónico de Rodas, são notas de alunos editadas, como a primeira versão do Curso de Saussure.

*Só sabemos o que Aristóteles disse pelo que conservaram alguns discípulos daquela época. Os discípulos repetem o que o mestre disse, mas a condição de que o mestre saiba o que diz. Porém, **quem julga isso senão seus próprios discípulos? Portanto, são eles que sabem.***³⁴

Não é difícil imaginar que aqui o mestre fala da sua própria situação. Os alunos entendem o que for e é aquilo que passa a constar como o que o mestre disse. No caso de Aristóteles, Lacan imagina, o subversivo e novedoso do seu ensino se perdeu e só restou o lugar comum, o bom senso, que seria o que os alunos captaram do que ele escreveu. Ou seja, ele, como Aristóteles, não consegue afetar (lembrem do "eu quero envergonhá-los") aqueles a quem se dirige. A estratégia de Lacan para diferenciar-se de Aristóteles foi implodir ou explodir o senso comum; tornar inconsistente o conhecimento estabelecido. Incluindo-se, insisto, o conhecimento lacaniano estabelecido. Ainda "o ambar que preserva a mosca para nada saber do seu voo". Isso torna absolutamente

³³ Meu ensino, op. cit.

³⁴ "O sonho de Aristóteles", 1978, Conferência na Unesco.

paradoxal o programa de estabelecimento da sua obra oral que deu no "Lacan Elucidado".

Então, o problema era: o que a psicanálise ensina e como ensiná-lo. Como aprender do próprio inconsciente e como transmitir o que foi aprendido? Em algum lugar, creio que na apresentação dos *Escritos*, termina dizendo que o que se transmite, em última instância, é um *estilo*. Bem, um estilo há de ser *o modo particular de fracassar* de cada um.

*Foi convencionado em chamar sucesso à algaravia, isto é àquilo que reúne uma multidão. Foi convencionado isso pelo público. Mas para nós, analistas, tal sucesso não tem nada a ver com o que nos interessa; esse sucesso é algo totalmente diferente do que seria o nosso, quero dizer o êxito ao que nos referimos quando falamos daquilo que **estamos destinados a registrar**, ou seja, **o fracasso**. O fracasso é o que opomos ao sucesso. Porém, o sucesso que assim supomos –estamos obrigados a supô-lo, já que **o que nos caracteriza costuma ser o fracasso**: e sobre isso sabemos bastante–, esse sucesso, pois, que é nosso polo suposto enquanto partimos do fracasso, esse sucesso não tem nada a ver com nenhum êxito, com nenhuma consagração do tipo de uma aglomeração como esta.*

*O sucesso para nós se limita ao que chamarei **o resultado**.*

Acabei de ler a abertura do Congresso da *Escola Freudiana de Paris*, em Roma, em 31 de outubro de 1974. Notem duas coisas, uma, a popularidade esconde e obstaculiza o verdadeiro objetivo da tarefa de um analista que seria "registrar o fracasso". A psicanálise partiria do fracasso, diria, do *sintoma como fracasso*, e no registro disso estaria o êxito possível de uma análise. Ele chama isso de "resultado". Em segundo lugar, quando exemplifica o que quer dizer com resultado, se refere a *textos*, à produção teórica que responde a seu ensino. "Resultados positivos é quando algo se sustenta, como esse escrito que acabei de citar.³⁵" Em momento algum se ocupa de resultados terapêuticos, mas

³⁵ Trata-se de um dos raros elogios feitos a um trabalho de alguém que nem sequer é seu discípulo (mesmo caso do elogio feito ao livro de Nancy e Lacoue-Labarthe no ano anterior)

podemos assumir que se uma análise se sustenta, o faz pela sua lógica, como um texto. Digo isto para aqueles que acham que a cura não interessa aos lacanianos.

fracasso da transmissão / transmissão do fracasso

Neste ponto se perfila uma diferença fundamental entre o *fracasso da transmissão* e a *transmissão do fracasso*. Não digo "a transmissão de um fracasso", no caso, o do próprio Lacan, senão do fracasso da psicanálise mesma. Seria algo assim como a transmissão do impossível de transmitir, menos como um insucesso pessoal que como uma impossibilidade inerente à transmissão e à formação mesmas do psicanalista enquanto tal.

Haveria algo da psicanálise mesma que fracassa, que não poderia não fracassar. Algo no *discurso analítico não passa*, e talvez nunca chegue a passar. Lembrem que é o único que não seria da significação, em que S1 *não* alcança S2. Mas, mesmo dentro do campo da significação, seria bom lembrar que a teoria da linguagem de Lacan toma o próprio errar o referente dos significantes, a falha mesma em capturar seu objeto, como o objeto da linguagem. Quero dizer que o fracasso (*échec*) como tal seria o objeto da linguagem³⁶. E o fracasso mesmo também seria o objeto da psicanálise.

Me pergunto se constatar esta impossibilidade inerente a nosso discurso não forçou Lacan a fazer a mesma escolha de Freud: alguma confiança ao

³⁶ Borges J.L. O.C. vol. 2. "El otro tigre". Borges pensa num tigre. Se dá conta que este tigre pensado está feito apenas de palavras e procura um terceiro, que fosse o verdadeiro, o de carne e osso. Y se dá conta que só encontrará o tigre como conceito. "Mas algo / Me impõe esta aventura indefinida, / Insensata e antiga, e persevero / Em procurar pelo tempo da tarde / O outro tigre, o que não está no verso."

funcionamento, nenhuma aos psicanalistas³⁷. A diferença é que, ali onde Freud entendia como "funcionamento" o *dispositivo*: as regras técnicas e deontológicas que se devem seguir, de preferência sem pensar, Lacan entende o matema, a via do matema, o que é inteiramente diferente, porque Einstein podia acreditar em Deus tudo que ele quisesse, mas a matemática da teoria da relatividade tem uma lógica interna própria que não cessa de provar a sua eficácia, como a possibilidade da medição das ondas gravitacionais demonstra oitenta anos depois. Em todo caso, acho que as esperanças no matema são menos as esperanças em encontrar fórmulas matemáticas psicanalíticas (porque se fosse isso Lacan seria mais ou menos como Freud, que esperava da biologia a confirmação futura da existência da pulsão; ele as esperaria da formalização), menos isso, digo, que um rigor formal no pensamento dos discípulos.

Para mim, o realmente espantoso é que este diagnóstico do estado da arte, feito em 1967, tenha sido lido e ignorado por todas as gerações de lacanianos até hoje.

A conferência romana que venho citando termina assim:

Quando a psicanálise tenha rendido as suas armas frente aos becos sem saída, cada vez mais frequentes, da nossa civilização, serão retomadas, por quem?, as indicações dos meus Escritos.

Em suma, a psicanálise terá claudicado e seus *Escritos*, caído no esquecimento. Sete anos depois, dirá que a religião triunfará e a psicanálise fracassará, será um sintoma social superado. Lembro, ainda uma vez, que este pessimismo absoluto quanto ao futuro da psicanálise e esta decepção no que

³⁷ Lição de 15 de janeiro de 1980: *je n'attends rien des personnes et quelquechose du fonctionnement. Donc il faut bien que j'innove puisque cette école je l'ai loupé d'avoir échoué à produire des analystes d'icelle qui soient à la hauteur.*

tange aos psicanalistas coincide com o topo do seu sucesso pessoal, institucional e mediático. Lacan era um *superstar* em 1967. Dois anos antes, numa intervenção no congresso da sua Escola em La Grande Motte, tinha dito para seus formandos:

*Por exemplo, eu fracassei pouco mais ou menos em tudo o que podia esperar obter de uma revigoração da psicanálise francesa*³⁸.

E, bem perto do fim, com oitenta anos e nenhuma razão para apostar no futuro, dirá:

Falo sem a menor esperança de me fazer ouvir, especialmente.
(1980³⁹)

o exemplar (o inimitável)

Relendo a terceira conferência de Roma, encontrei uma exortação dirigida ao auditório francoitaliano que resume, ao mesmo tempo, o estilo de Lacan e sua postura ética a ser transmitida aos analistas. Me refiro ao impagável:

Façam como eu, não me imitem!
1974⁴⁰

A exterioridade do analista em relação ao discurso do seu analisante, que seria própria de qualquer análise –no mínimo porque ele não fecha o sentido que o discurso do paciente sugeria–, aparece reproduzida na sua estratégia de ensino, e se traduz, na prática, pela sua *marginalidade* e exclusão permanentes de qualquer classe conceitual, mesmo e sobretudo as que ele mesmo criava. Essa seria a parte "façam como eu".

³⁸ 1965.

³⁹ "Dissolução"

⁴⁰ Lacan J. "La troisième" in *Autres Ecrits*. Paris: Seuil, 2014.

Porém, esperava-se que cada um fizesse isso a partir da sua própria relação ao inconsciente, isto é, conforme seu modo particular. Ou seja, devem inventar-se um estilo particular. Esta seria a parte: "não me imitem." A mudança perpétua, o ineditismo sem fim, seria seu modo, talvez, de não ceder jamais em fazer com que o leitor fosse obrigado a ler seu texto como um psicanalista deve ler o discurso do seu analisante. Tudo aponta nessa direção: pôr a advertência na entrada dos *Escritos* de que eles não são decifráveis, a menos que o leitor ponha algo de si na leitura; abrir com o seminário sobre "A Carta Roubada", fora da ordem cronológica, a coletânea de textos, com a indicação expressa de que tudo o que segue deve ser lido com este ensaio como chave de leitura: esta é uma dica preciosa de leitura: *tudo está sempre na cara, não há nada oculto*. Se vocês não enxergam é porque procuram outra coisa⁴¹.

Não exagero, percebam a estratégia, para podermos deduzir a política:

alguns que estavam [no meu seminário] desde o início, [testemunharão que] não houve um único desses cursos que fosse repetido.

Ou,

*"[aos outros, que não me acompanharam durante todos estes anos] está fora de questão dar-lhes inclusive uma ideia daquilo que ensino, se o que acabo de dizer é verdade, a saber, que **nunca me repeti**."*

Aqui não se trata de querer ser original a qualquer preço, mas de seguir o movimento mesmo do que pretende mostrar, enquanto se esforça por demonstrá-lo, a saber, o *inconsciente*. Quero dizer, a *demonstração* pretende ser *more geometrico*, formalizada, lógica, precisa, mas a *mostração* só pode ser paradoxal e em constante ruptura, como o inconsciente mesmo, que, embora siga suas próprias razões, revela-se criando caos na representação organizada que temos de nós mesmos. Nesse sentido, o estilo *sui generis* alusivo, equívoco,

⁴¹ A propósito de "A carta roubada": vocês seriam como o rei, como a polícia e finalmente, como o próprio ministro. E Dupin, que seria o próprio Lacan, não cai nessa porque sai do circuito, devolvendo a carta a quem de direito e recebendo por isso seus honorários.

barroco, paradoxal seria um modo de ensinar mediante uma estratégia "imitação do inconsciente" –assim como se diz da vida de alguém que foi uma "imitação de Cristo".

Muito bem, pelos resultados, podemos concluir que esta estratégia errou a política de fio a pavio, já que deu na constituição de um idioma chamado *lacanês* e uma transmissão pífia da clínica, apoiada na imitação das anedotas do que dizem que Ele fazia com seus pacientes (muitos deles tornados "apóstolos"). Um amigo deu um murro no seu analista, quando este lhe enfiou a mão no bolso, para tirar dele o dinheiro com o qual devia pagar a sessão. A resposta escandalizada do terapeuta agredido foi: "mas Lacan fazia assim!" Ou seja, o fruto do famoso ensinamento pelo exemplo terminou sendo um *modo de parecer analista* baseado na papagaiada, no qual passou a parte "façam como eu" e foi esquecida a parte "não me imitem". Se do lado freudiano restou o "froidexplica", do lado lacaniano sobrou o "lancanfazia". Isto reflete, aliás, os dois impasses em espelho do freudismo e do lacanismo como "linhas" psicanalíticas. Se, para o freudismo, as regras técnicas são sacrosantas, aprendidas na análise, não por nada denominada didática, e na teoria qualquer um pode opinar o que bem entender, que será publicado no *Psychoanalytic Quarterly*; para o lacanismo, a teoria é sagrada e intocável, visto que se origina na palavra revelada, mas, na prática *anything goes*, vale tudo, já que o analista se autoriza por si mesmo (como ensina esta mesma "palavra revelada")...

Em todo caso, mancada ou não, qual seria o embasamento teórico de tal estratégia? Sabemos que a relação de cada novo significante com o conjunto de todos os outros é sempre de exterioridade, devido a que um significante não pode ao mesmo tempo pertencer a uma classe e nomeá-la. Suspeito que Lacan teria tentado fazer com que sempre a sua enunciação estivesse defasada em

relação ao conjunto dos seus enunciados teóricos. Nunca seria possível pinçar Lacan à classe fechada do que ele disse ontem. A ideia era de que tanto a trama dos seus conceitos como seu modo de entramá-los não pudessem ser encerrados em uma totalidade harmônica, e apresentados como doutrina ao modo universitário. Esta seria a lógica daquela insistência em não repetir-se e dizer sempre algo diferente: não era para estar na moda, mas ao contrário, para se pôr fora de moda sem cessar. Estar sempre *marginal* ao corpo teórico da sua própria doutrina termina sendo proposto como uma ética, e seria a mesma que cabe ao analista enquanto analista do discurso dos neuróticos.

De um modo geral, este ensino estava feito de enunciados teóricos que eram constantemente reconsiderados e refeitos, ao ponto que para parar com esta deriva, a ortodoxia estabeleceu que apenas o último seria o bom. Daí nos dizem que existe um primeiro Lacan, superado por um segundo, um terceiro e um "ultimíssimo", que seria o único a se considerar. A última versão de cada conceito é a que vale, as outras estariam caducas. Como alguns aqui sabem, discordo, penso que cada período leva ao limite um ponto teórico e a formalização que o sustenta, e o período seguinte se apoia neste ponto de chegada, que é também um ponto de impasse, para deslocar, subverter ou recolocar o conceito em uma nova leitura que inclui ao mesmo tempo que supera a anterior...

A marginalidade praticada na teoria, podemos conjecturar, o era também em relação a todos aqueles que o seguiam e acreditavam no que dizia. Lacan se posicionava sempre em exclusão interna tanto em relação à teoria como em relação à sua Escola e seus discípulos, o que só podia acarretar problemas institucionais de todo o tipo. No mínimo, pela ciumeira que esse constante furtar-se provoca. Sim, estou falando da estratégia histérica de causar o desejo do Outro, ou vocês duvidam da histeria de Lacan? Era, em todo caso, uma

política assumida de ensinar, e não é por nada que observa que o discurso da ciência tem quase a mesma estrutura que o da histórica (adoraria saber qual seria a diferença, nunca descobri). Sempre insistiu em situar-se, desde o início, na posição de exceção. É o mais-um e o menos-um. Adota para si as figuras de Édipo em Colona, abandonado por todos, por não ceder um milímetro do seu desejo, de Antígona, emparedada viva pela sua irredutível adesão a uma causa, de Filoctetes, traído, roubado do falo (a sua espada), e abandonado numa ilha deserta pelos companheiros.

Desde o "fundo sozinho, como sempre estive em relação à causa psicanalítica", até a dissolução, passando pelo comentário de que Joyce almejava dar trabalho aos críticos durante 300 anos, embora ele não ousasse sonhar tão alto, podemos conjecturar que Lacan quis para si o mesmo destino de Sade ou de Kafka (quero dizer, o que eles manifestaram querer, não o que de fato tiveram). Que a sua obra desaparecesse com ele, visto que não tinha mais como renová-la depois de morrer. Um pouco no espírito de *après moi, le deluge*⁴², talvez. Nesse caso, *l'échec*, o insucesso, o fiasco, *le ratage*, a falha, a mancada, *le manque*, a falta, a carência, o desencontro, *le non rapport*, o insucesso, o esquecimento, *l'oubli*, assim como seu modelo topológico: *le trou*, o furo e *la coupure*, a cortadura, também a queda, *la chute*, seriam os significantes do seu desejo. Cabe, portanto, perguntar *se Lacan não o teria querido assim. Se o fracasso não faz parte da lógica do seu ensinamento* levada até as últimas consequências⁴³.

Freud ensinava como professor, precisamente porque queria convencer. A clareza didática era a sua política de transmissão. O que fazia como analista, era outra coisa e não coincidia com o modo de ensinar a teoria do que fazia. Já no caso de Lacan, quando diz *ensinar como analisante*, haveria que entender

⁴² Luis XV

⁴³ Lacan J. Seminário XI: "Não há causa senão do que manca [*cloche*]"

isso ao menos de três modos diferentes: primeiro, ensina o que ele mesmo não sabe; segundo, em vez de dizer o que faz, faz o que diz – não se limita a descrever o funcionamento do inconsciente, mostra como funciona de fato (são os equívocos, os neologismos, os paradoxos, as anfibologias, as frases indecidíveis, etc.) e, terceiro, impede qualquer fechamento numa totalidade conceitual.

Aqui estariam implícitas as três posições que mencionei antes referentes à tarefa de analisar-se: a do *psicanalista*, a do "*psicanalisante*" (neologismo lacaniano que veio para ficar) e a do *psicanalisado*. O psicanalista seria o agente da tarefa do seu paciente, que põe seu inconsciente a trabalho. Como este último não é passivo: ele se analisa *com* seu analista, assim como se diz de alguém que escreve *com* uma caneta, Lacan descarta o termo "*psicanalisando*", que se refere literalmente a quem sofre passivamente a análise do outro, e propõe denominar os pacientes de "*analísantes*". Mas, transformar alguém de paciente em analisante é tarefa de analista; um analisante não vem dado. Já o *psicanalisado* seria aquele que de um modo ou outro deu um fim à sua análise.

A *vulgata* nos fez acreditar que o "*psicanalista*" é necessariamente um "*psicanalisado*", porque a condição necessária (e para alguns, suficiente) para ser analista é se ter feito uma análise. Muito bem, Lacan acha que não, e aqui começam as mais sérias resistências contra o ensino lacaniano. Para ele, psicanalista é quem consegue sustentar um discurso novo, sempre novo, diga-se, no meio dos outros discursos da sociedade. O discurso do analista é aquele que estrategicamente consegue interrogar qualquer outro discurso, sem se fechar ele próprio em nenhuma significação (se se fechasse, deixaria de ser o discurso do psicanalista). Já o *psicanalisante* seria aquele que não cede no seu desejo de interpelar a sua própria "*paixão de ignorância*", seu próprio "*não quero saber nada disso*". Que ele consiga sustentar tal desejo graças ao seu analista, ou, com muita frequência, apesar dele, não tira nenhum mérito à tarefa

analisante. Já o *psicanalisado*, longe de ser sinônimo de psicanalista é sinônimo de local de resistência. O *psicanalisado esqueceu* a subversão da relação ao saber que se operou nele graças ao ato analítico acontecido quando se analisou. Por isso Lacan inventou a categoria de "analistas da Escola": eram todos os que, como ele, se dispunham a tirar do esquecimento o ato analítico acontecido.

É com esta referência ao que foi esquecido que passamos ao principal *resultado do fracasso de Lacan* que é o programa "Lacan Elucidado", sob o qual se formou a maioria dos que aqui estão. E aqui proponho um intervalo, para que possam voltar à tona pra respirar.

Lacan Elucidado

Vamos *resumir* o essencial do percorrido até agora.

Em 1967, quando tudo fazia pensar que o lacanismo era um sucesso mundial, Lacan anuncia seu fracasso em fazer passar a psicanálise para a geração seguinte. Soa como um fracasso pessoal, um "fracassei". Por outro lado, parece estar diagnosticando que há, na psicanálise mesma, algo impossível de transmitir. Sugeri que devíamos pensar a diferença entre o *fracasso da transmissão* e a *transmissão do fracasso*. Neste segundo caso, o que estaria em jogo seria fazer passar o *sintoma* de cada análise. Mas, ao mesmo tempo, a psicanálise mesma pode considerar-se um sintoma em relação ao resto da sociedade, ou seja, algo que fracassa. "E é só a título de sintoma que sobreviverá ou não [à religião]"⁴⁴ O palpite de Lacan é que não sobreviverá.

O seu fracasso pessoal e o da psicanálise mesma se confundem. Neste sentido, estaria repetindo, a seu modo, a falência de Freud, que tampouco conseguiu fazer passar a psicanálise para a geração seguinte. Disto se deduz que *algo na psicanálise mesma seria intransmissível*. O seu exercício produziria uma

⁴⁴ Conferência de imprensa, 1974.

resistência impossível de ser reduzida. E temos confirmadas duas das três impossibilidades de que Freud já falara: analisar e ensinar. A terceira diz respeito ao *incurável*, o que não pode ser eliminado do sintoma.

Como disse, o impressionante é que este diagnóstico de Lacan tenha sido ignorado tanto pelos seus discípulos diretos, como pela geração que se formou com eles. A partir da terceira geração, aconteceu um fenômeno novo: o esquecimento daquele fracasso foi ele próprio esquecido. Os analistas esqueceram que havia um fracasso ignorado. E estamos frente a uma situação semelhante à que descreveu Heidegger em relação à metafísica ocidental: ela teria integralmente sido constituída sobre um esquecimento: o discurso sobre o ser dos pressocráticos. E o mais grave era que os filósofos nem tão sequer sabiam que havia algo esquecido. Esqueceram o esquecimento, cujos rastros ele pretendia seguir, para levantar o véu sobre o esquecimento originário. Tratava-se de buscar a verdade da metafísica. Como a palavra grega para "verdade" é *Aletheia* (literalmente: des-esquecer) ela dava nome ao projeto filosófico heideggeriano. Faço notar, também, que a palavra *apokalypsis* quer dizer descobrimento, tirar o véu, e por extensão "revelação". Menciono isso porque a procura da verdade está em geral associada a esta significação: a verdade é apocalíptica⁴⁵. Não tenho certeza de como chamar tal esquecimento de um esquecimento no caso que nos ocupa, mas guardem comigo a hipótese de que talvez se trate de uma operação de *recalque*, cuja forma seria "não quero saber nada disso". Este esquecimento do esquecimento do ensino de Lacan aconteceu em três tempos.

O primeiro tempo, o do esquecimento da essência da psicanálise, aconteceu quando declara seu fracasso. Naquela época Lacan foi sendo

⁴⁵ Ainda *The matrix*.

abandonado pela maioria dos analistas da primeira geração. Com as suas saídas, e após as conhecidas fundações, cisões e refundações, o mestre virou o gurú da segunda geração, a de *não-analistas*, isso é importante. O abandono dos clínicos fez com que Lacan se voltasse para os filósofos e os teóricos, com a esperança de que o ajudassem a levar a termo o "projeto matema": um modo de transmissão formalizado. Os psicanalistas por direito adquirido tinham-no decepcionado. "Me recuso a passar a vocês a carta forçada da clínica", dirá naquela época a um grupo de estudantes de filosofia. A "carta forçada" é a carta que você pega do baralho que o mágico te oferece para pegar. Você crê estar escolhendo livremente, mas na verdade está tomando a carta que o mágico desejava entregar-te. E por que a clínica seria uma "carta forçada"? Porque os clínicos se sentem dispensados de teorizar a lógica do que fazem e acreditam que a clínica se explica a si mesma.

Este foi o segundo tempo, o da aposta nos *leitores*, porque apostar nos não analistas era apostar nos leitores. Isso foi repetido quase no fim, quando veio pela primeira e única vez a América Latina. Antes de vir para Venezuela disse, em Paris, a título de despedida: "vou conhecer meus *lacanoamericanos*, aqueles que nunca me viram nem ouviram de viva voz. Ouvi dizer que lá eles me lêem. Quero saber o que acontece quando meu corpo não faz obstáculo àquilo que ensino." O que veio a seguir é bem conhecido e constitui o terceiro tempo, o do esquecimento do esquecimento.

Tinha começado esta fala apresentando o conceito de *desleitura* e sugerindo que os grandes psicanalistas são consistentes desleitores. Quero terminar comentando a desleitura milleriana, que nos concerne, na medida em que é por ela que passa o ensino (do ensino) de Lacan hoje. O modo de Miller desler é o *oposto* do que Bloom denomina *apophrades*, o retorno dos mortos. Neste último caso, tudo se passa como se o segundo poeta houvesse, ele mesmo,

escrito a obra característica do seu precursor, cuja figura paradigmática é *Pierre Menard, autor del Quijote*, de Borges. Miller, ao contrário, não apenas nega a si mesmo como leitor e a sua obra como leitura, como também possui o poder inédito —devido a sua condição jurídica de executor testamentário e de estabelecido designado do texto lacaniano—de reescrever o texto mesmo assinado JL, a partir do seu próprio ato de exegese *apagado como tal*. Em outras palavras, quem compra a versão *Seuil* de *O Seminário* não está lendo JL mas JAM, e não sabe. Podem constatar isso a qualquer momento, referindo-se à única edição dos seminários não adulterada que existe e que está no site *staferla.free.fr*, ou, à primorosa edição crítica, a única que existe, do seminário, realizada por Ricardo Rodriguez Ponte, e que está, incompleta porque ele morreu, infelizmente, em *lacanerafreudiana.com.ar* Esta última, em castelhano. Em português não existe nada semelhante, haveria que fazê-lo.

"Lacan Elucidado", então, como devem saber, é o nome da coletânea de conferências ministradas por Miller no Brasil entre 1981 e 1995. Descrevem o projeto colonial declarado de explicar Lacan aos bugres. O ovo da Associação Mundial foi posto por estas bandas, antes de ser chocado em Paris, fato que encheu de orgulho ao delegado colonial local, me lembro. O fato é que o sintagma "Lacan Elucidado" virou o nome de um programa. O programa sistemático de *correção* do ensino lacaniano para fazer desaparecer a orientação anti-ontológica e anti-biologicista que o caracteriza. Sobre isso falaremos longamente semana que vem. Dito programa foi depois batizado como "Orientação Lacaniana", quase todos o seguem.

"Lacan Elucidado" é um manifesto iluminista. Declara a adesão explícita à *Aufklärung*, à ilustração. Entretanto, o que está em jogo é menos jogar luz sobre a obscuridade barroca do estilo do mestre que reescrever-lhe o ensino. Simplificar, decidir o indecível (apostando a que não é indecível), eliminar

as ambigüidades, simplificar o discurso com miras a constituir uma *Summa Lacaniana*. Esse é o programa milleriano e tudo isso foi feito *sob o total beneplácito de Lacan*. Fato comprovado que impõe a pergunta que fiz mais cedo: "foi isso que Lacan queria, ou se tratou de um cálculo que deu errado?"

Miller não apenas é um leitor fortíssimo como também é um autor de raro talento. A obra milleriana, assim como está sendo construída, funda uma ortodoxia lacaniana e estabelece um Lacan-padrão-mundial, uma *Lacanian Standard Edition*. Mas, se JAM é o *aufklärer*, o "explicador", o exegeta mór, é porque *Lacan lhe deu esta função*. Note-se que se ele precisa esclarecer o que o outro *queria dizer*, isto é sinal de que este último não o diz. E não exagero, porque aqui está *ipsis literis*, na primeira página de *Télévision*, o começo de tudo. São duas notinhas de nada publicadas sob o título de "Advertência", antes da transcrição desta conferência televisada de Lacan de 1972:

"Pedi àquele que vos respondia que peneirasse o que eu entendia do que ele me dizia. O que foi escolhido fica nas margens à guisa de manuductio."

J-A Miller, Natal de 1973.

"Aquele que me interroga também sabe ler-me"

JL

Parece pouco, duas notas, quase nada, mas, na minha opinião, aqui está decidido em seu espírito o programa "Lacan Elucidado", e selado o destino do denominado "meu ensino", nomeadamente, seu fracasso e seu esquecimento.

A primeira nota diz: "[Eu, Miller,] pedi àquele que vos respondia [ou seja, Lacan] que peneirasse o que eu entendia do que ele me dizia." Trata-se do seguinte: o normaliano escreveu dez perguntas que o psicanalista respondeu de improviso frente a uma câmera. Depois da desgravação e transcrição, Miller mandou a Lacan anotações do que ele, Miller, tinha entendido daquele jargão todo, e o mestre selecionou algumas delas, que foram impressas nas margens

do texto principal, a título de explicação. A título de *manuductio*, como escreve Miller.

E o que é um *manuductio*? Literalmente: "conduzir-te pela mão", é o corrimão. Refere-se à mãozinha com o índice estendido aplicada nas margens dos textos medievais, para indicar as glosas, as anotações marginais, os comentários exegéticos, que não deviam ser confundidos com o escrito original. Os cartórios ainda as usam para indicar o lugar da firma verdadeira. Por extensão, é o corrimão que te conduz pela mão para a verdade. O *index* da igreja é um *manuductio*. É a indicação (ainda o dedo índice) do que se deve ler e do que se deve entender daquilo que se leu, assim como a especificação do que não se deve ler e do que não se deve entender do que foi lido. Eu fiz um trabalho sobre as exegeses do *Cântico dos Cânticos* ao longo dos anos que ilustra bem este procedimento. É a operação da *Inquisição*.

A segunda notinha, publicada embaixo da primeira, está assinada JL e diz, do modo mais singelo: "aquele que me interroga", Miller, no caso, detrás da câmara fazendo as perguntas em *off* que ele ia respondendo, "aquele que me interroga", então, "*também* sabe ler-me". Podemos considerar a primeira como um pedido de autorização ao Outro, e a segunda, como a resposta deste último referendando a demanda recebida. As duas notas tem exatamente a mesma estrutura que as duas orações do famoso paradoxo:

"A oração que segue é falsa"

"A oração que antecede é verdadeira"

E aí temos anunciado, com esta mãozinha virtual nas margens desse texto lacaniano, o início do que será o programa "Lacan Elucidado". Isto foi em 1973. O passo seguinte foi o progresso que vai do ele *também* sabe ler-me a "Tu

es o *único* que sabes ler-me", chancelado pelo ofício, assinado em cartório, um ano mais tarde, nomeando o futuro genro como executor de toda a obra publicável sob a assinatura JL. Em todo caso, é naquelas duas notinhas do ano anterior que se constitui a lenda e a catástrofe do lacanismo.

O que se seguiu foi caracterizado por Jorge Jinkis como "a maior operação de recalque da história da psicanálise." Para não cair na esparrela da extrapolação, *a la Zizek*, dos conceitos do nosso campo, haveria que tratar com cuidado esta ideia de um recalque da enunciação de Lacan, cujo agente seria o discurso de Miller. Como dizia, proponho pensá-lo no mesmo sentido em que Heidegger diagnosticava um esquecimento primeiro, duplicado por um segundo esquecimento que apaga os rastros do anterior. E se isto é pensável para a metafísica ocidental desde Platão, por que não o seria para a psicanálise como um todo?

Lacan teria tentado recuperar o conceito e a função do significante, neutralizado por uma hermenêutica do tipo "o charuto é o falo", habitual em Freud e nos freudianos, sem conseguir. A clínica da interpretação teria levado a melhor sobre a clínica do ato. Este seria o *primeiro esquecimento*. O segundo, estaria na obra de JAM, cujo curso, um verdadeiro campeão de audiência, representa aquele sucesso mediático qualificado por Lacan de fracasso da transmissão. O millerismo é uma monumental catedral em obras erigida sobre as ruínas do precursor. E este seria o segundo esquecimento, que sela a sorte da enunciação de Lacan.

Como disse antes, concordo com Lacan em que Miller o lê como ninguém. É um leitor forte, se tem algum. Por isso mesmo, mostrar a lógica de seu ato de desleitura é uma tarefa imprescindível e urgente, porque *Miller apagou as pegadas intencionalmente*. Se der tempo, vou demonstrar isso na próxima reunião, lendo uma aula do curso de Miller de 2011, denominada *Da ontologia à*

ôntica, na qual, de modo magistral, acompanha o ensino de Lacan *pari passu* para concluir *o contrário* do que Lacan disse nos textos a que ele se refere. É um verdadeiro passe de mágica e, como disse, é uma obra prima.

Miller tem um programa cuidadosamente pensado para resituar de um modo naturalista um lacanismo filosoficamente fenomenológico, perfeitamente adequado ao sentido comum. Aliás, é por isso que tem tanto sucesso. Sucesso prognosticado por Lacan. Mas, não cabe pensar que ele foi secretamente seu artífice? Em relação a isso, eu tenho duas hipóteses, ambas improváveis e perfeitamente indemonstráveis. Uma iria na direção de "Lacan o quis assim", a sua forma seria, parafraseando Roberto Carlos: "já que está tudo perdido, que tudo o mais vá pro inferno". Ou seja, como disse antes, tal como Sade ou como Kafka no final de suas vidas, Lacan teria querido que seu legado fosse apagado e extinto, e o agente desta extinção teria sido, sem saber, seu herdeiro. Outra possibilidade seria considerar o ódio deste último pelo peso da herança que o enverga. Que melhor vingança que fazer como o diabo, de quem dizem que a sua maior façanha foi convencer todo mundo que não existe? Miller não existe (ele disse isso a Lacan, quando este sugeriu que "Os quatro conceitos", estabelecido, fosse assinado *por ambos*: "eu não passo do seu transcritor, a minha presença não conta para nada... é apenas o lugar de passagem de vossa palavra"...). Tratar-se-ia apenas de Lacan... elucidado. Em outras palavras, purgado de lacanismo. Não temos café descafeinado, cerveja sem álcool, cigarros sem nicotina e sucos sem açúcar? Pois bem, Miller nos entrega uma psicanálise lacaniana deslacanizada.

Deixo então este assunto em forma de pergunta, e passo a um último comentário, com o qual termino. Acabei de ler uma biografia de São João da Cruz, poeta místico espanhol do século xvi, que Lacan cita em "Mais, ainda", elogiosamente, junto com Mestre Erkhart, Sor Juana Inés de la cruz (biografada

por Octavio Paz) e a famosa Santa Teresa D'avila (em relação à qual devo observar de passagem que, concluir que a santa goza, analisando a estátua de Bernini, me parece tão procedente quanto afirmar que alguém é feliz olhando a foto do perfil de Facebook).

San Juan de la Cruz, então, trata-se de introduzir seus textos entre os escritos daqueles místicos que, segundo Lacan, são o que há de melhor para se ler —e acrescenta que haveria que incluir seus próprios *Escritos*: em série com as obras místicas, atenção, não com Niels Bohr. E imediatamente diz: "vocês vão pensar que..." Lacan diz: "vocês vão pensar que..." E o quê vão pensar vocês? que acredito em Deus! Não!, acredito no gozo da mulher, no que ele é demais (*en plus*) em relação ao falo..." etc. A citação é conhecida, e a profissão de fé do velho mestre no gozo feminino também.

Antes de prosseguir, vale notar que os tais escritos maravilhosos de se ler, segundo Lacan, são a coisa mais enfadonha, mais chata que tentei encarar na vida. Não tenho certeza se ele se refere aos tratados em prosa de São João, que são comentários explicativos intermináveis, redundantes, dos seus próprios textos místicos, ou às alegorias poéticas, que seriam os escritos da experiência mística em si. Seja como for, trata-se de uma literatura entediante de um grau tal que perseverar nela resulta um ato de devoção universitária, ao menos para mim.

Em todo caso, não falo dos escritos místicos pelo tema do gozo, que não vem ao caso agora, mas porque o biógrafo de São João escreve uma coisa que captou minha atenção. Diz que o monge, enquanto escrevia e era lido, foi quase mandado para a fogueira várias vezes como herege, pelo efeito perturbador que a descrição da experiência mística fazia nos leitores, mormente membros da igreja e alguns doutores leigos, incluindo-se os inquisidores, que queriam excomungá-lo e, como disse, queimá-lo. E então... foi canonizado! E ali, finalmente o neutralizaram, pois todo mundo passou a rezar-lhe e nunca mais

foi lido. Não sei se Lacan estava ou não a par desses detalhes, mas na minha opinião, São João da Cruz é a figura que melhor poderia representar o destino da obra escrita de Lacan, que *também* foi canonizado (esse seria o "Lacan Elucidado") para ser rezado e nunca mais lido. Nesse sentido, diria que a aposta comum que nos une seria a decisão de parar de rezar-lhe e voltar a lê-lo.

Obrigado.